

AL

jornal de letras, artes e ideias

1 ANOS

Ano XI n.º 453 • De 12 a 18 de Março de 1991 • 140\$00 • Semanário • Director José Carlos de Vasconcelos • Director adjunto Luís Almeida Martins



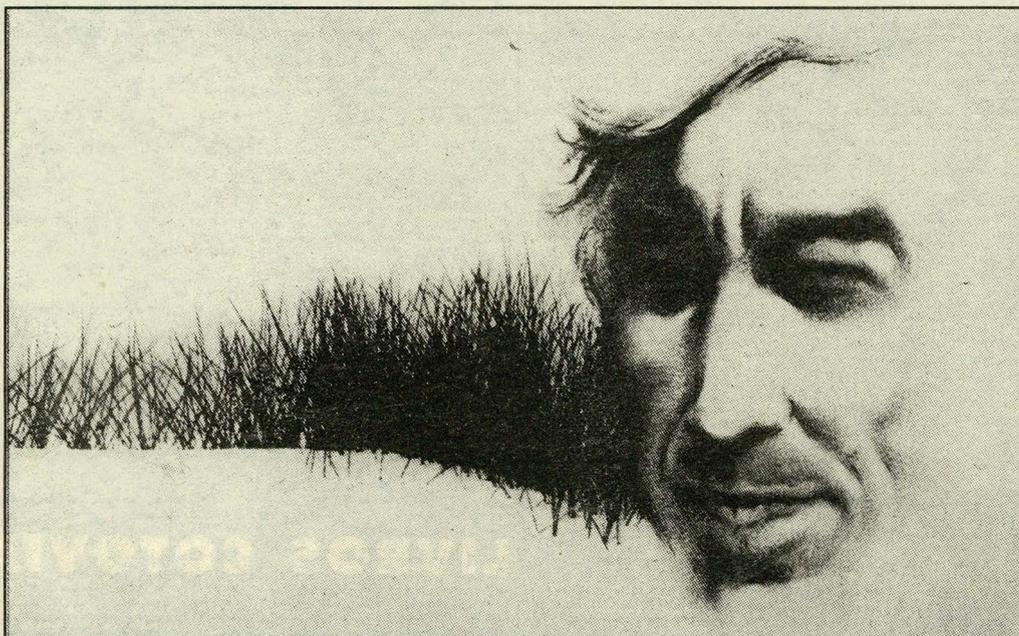
JOÃO ABEL MANTA

Colaboração de Abelaira, Agustina, Assis Pacheco, Cardoso Pires, Eduardo Lourenço, João de Melo, Lúcia Jorge, Mega Ferreira, Mourão-Ferreira, Prado Coelho, Ramos Rosa, Saramago, Sesinando, Urbano, Vergílio Ferreira. Opiniões do Presidente da República e de outras personalidades 1/48



JL: dez anos em duas letras

José Cardoso Pires



José Cardoso Pires desenhado por João Abel Manta no n.º 1 do JL

EM LISBOA, MARÇO DO ANO DE 1981, VI-ME reproduzido, em voz alta e corpo inteiro, no primeiro número do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* que José Carlos de Vasconcelos acabava de lançar.

Na escrita e nas artes há saltos sem rede que nos ficam para sempre como gritos de alegria e presenças que se projectam de mãos dadas num espaço de aventura. Lembro-me de Fernando Assis Pacheco e de Joaquim Letria nas primeiras horas do suplemento *A Mosca* do «Diário de Lisboa» e da imaginação com que levantavam os fios da ironia ou da tragédia mais secretas no apontamento casual do dia-a-

dia. Lembro-me, sobretudo, do convívio e do prazer que acompanhavam cada peça publicada e dos comentários com que às vezes a recriávamos à margem.

É que cada livro que se escreve, cada jornal que se inicia, deixam em nós uma memória de rostos, de vozes e de humor que nos acompanha ao correr do texto. E eu, embora não pertencendo à redacção do *JL*, revejo-me no seu primeiro número numa cumplicidade que me é grata e, muito principalmente, num enquadramento que Fernando Assis Pacheco não refere nessa entrevista que me fez mas que me aparece com uma saudável nitidez: eu e ele diante dum tacho

de tordos fumegantes, cozinhados expressamente para um diálogo de companheiros de letras.

Saudávamos, assim, penso eu hoje, um jornal que iria aparecer fora do circuito convencional da literatura de escaparate, dos arquipélagos dos grupos e do mercado fatalista.

Agora, quando olho de relance para trás, surgem-me sinais inconfundíveis da trajectória cultural que o *JL* descreveu nestes seus dez anos de vida. Daqui saíram alguns exemplos maiores da nova crítica portuguesa — Clara Ferreira Alves, Inês Pedrosa, Mega Ferreira, que me lembre. E aqui, também, se criou uma coexistência plural de correntes, ideias e estímulos, verdadeiramente inesperada numa sociedade cultural tão ressentida como a nossa. Na verdade, há anos que, pontualmente, semana a semana, José Carlos de Vasconcelos e Almeida Martins vêm dando conta da literatura que acontece entre nós; e isso de dar notícia sem sujeição nem guerra santa é coisa de bruxaria não só na Lusitânia mas também em muitas outras repúblicas correntes. O mais curioso, ainda, é que o «caso *JL*» ocorre num país de baixo consumo cultural e de orgulhoso analfabetismo militante, mas, assim mesmo, num habitat tão adverso, atinge tiragens superiores ou proporcionalmente superiores à das publicações literárias que se editam em Espanha, na França ou na Inglaterra. Tão depressa o vou encontrar numa editora de São Paulo, ou de Madrid, como num livreiro de Paris, Bruxelas ou Frankfurt, especializado em literaturas peninsulares, como, até, num agente literário de Hamburgo ou de Barcelona, e essa é uma outra comprovação do significado deste semanário como referência cultural do País.

Vendo bem, talvez o segredo esteja apenas na fórmula e na mão bruxa que a concebeu. Uma fórmula que ultrapassou os círculos concêntricos da erudição e do onanismo cultural e que aponta a literatura como coisa tão corrente e tão quotidiana como as duas letras quase camais com que João Abel Manta definiu o *JL*.

«Percebo muito do que a Poesia me diz pelos paladares que ela contém», escreveu William Carlos Williams. Foi talvez por isso, imagine-se!, que eu me lembrei de tordos fumegantes ao recordar as vozes múltiplas que povoam há dez anos um jornal de letras, de ideias e de todas as artes.